

O LIVRE-ARBÍTRIO AGOSTINIANO E A LIBERDADE HUMANA

Cícero Paulino dos Santos Costa

E-mail: ciceropaulino100@hotmail.com

Graduando do Curso de Licenciatura em Filosofia pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Cajazeiras – FAFIC.

RESUMO

Agostinho é um dos maiores pensadores da Filosofia que tentou resolver o problema do Livre arbítrio. O livre-arbítrio cuja obra serviu de base para o presente artigo tem como tema o problema da liberdade humana e da origem do mal. Tendo-se convertido e sentindo-se no caminho da verdade, sua atividade caracterizou-se pela luta constante de preservação a pureza da doutrina cristã católica, com relação à doutrina dos maniqueístas, que defendiam a idéia de duas divindades governadores no mundo: Bem e Mal. Sua teoria é em oposição aos maniqueístas por isso formulou uma reflexão afirmando que duas condições são exigidas para fazer o bem: a graça e o livre-arbítrio. A reflexão dada por Ele para o problema do mal é sem dúvida irrefutável desde o passado e até os dias atuais. Segundo Agostinho Deus não pode praticar o mal, no entanto o mal não poderia ser cometido sem ter algum autor, não existe um só e único autor, pois cada pessoa ao cometê-lo é o autor da sua má ação. No dialogo Ele apresenta seu pensamento afirmando que as coisas más não se aprendem e que será impossível o mal ser objeto de instrução, pois o problema talvez seja porque as pessoas de desinteressam e se afastam do verdadeiro ensino. No pensamento agostiniano é evidente que todas as espécies de ações más é a paixão interior que domina, paixão essa também chamada por ele de concupiscência.

Palavras-chave: Agostinho. Livre-arbítrio. Maniqueísta. Deus.

INTRODUÇÃO

Agostinho é um dos maiores pensadores da Filosofia que tentou resolver o problema do Livre arbítrio. Após sua conversão, preocupado com a teoria maniqueísta e tentando alertar seus amigos contra tal heresia, ele compôs diversos livros, dentre eles “De libero arbítrio” o “O livre-arbítrio”.

A obra é refletida em forma de dialogo, registrado pelas conversas de Agostinho e Evódio. O livre-arbítrio tem como tema o problema da liberdade humana e da origem do mal, pois não podia Agostinho superar a ideia de que Deus fosse a cauda primeira da mal, como afirmavam os maniqueus.

Depois de beber da Filosofia de Plotino, que o conduziu em direção a Deus, Agostinho tem a certeza de um criador bom e poderoso, fonte de toda a realidade. Desse modo, o mal não podia ter lugar entre os seres, nem prejudicar a excelência da Obra Divina. Tampouco o mal poderia impedir ao homem que o quisesse, encontram em Deus a paz e a felicidade. Pois, segundo os dados da fé, Deus todo poderoso e Bem supremo criou todas as coisas por meio de seu Verbo nada pode escapar de sua providência.

Com esta expressão silogística: “*Deus criou todas as coisas boas, o mal não é bom, logo Deus não criou o mal*”, Agostinho defende que todas as coisas criadas por Deus são boas, e por isso o pecado (Mal) não poderia ter sido Deus o criador.

Não obstante, ele procura defender o seu pensamento com racionalidade e pretende encontrar a causa primeira da origem do mal e seu papel na obra de Deus. Agostinho para resolver este problema defende com insistência que a fonte do mal moral (o pecado), surge com o abuso da liberdade, ou melhor, está no uso deturpado da liberdade, também por ele defendido esse último fim concedido por Deus.

O LIVRE-ARBÍTRIO E OS MANIQUEUS

Dizíamos nas palavras introdutórias que Agostinho estava preocupado com a doutrina dos Maniqueus. Por isso sem dúvida é correta a afirmação dizer que O Livre-Arbítrio, é um dialogo escrito para provar o erro dos maniqueus.

Tendo-se convertido e sentindo-se no caminho da verdade, Agostinho sentia se recuperar-se a si mesmo e aos amigos. Sua atividade caracterizou-se

pela luta constante de preservação a pureza da doutrina cristã católica, com relação à doutrina dos maniqueístas. Eis uma breve síntese daquilo que os maniqueus defendiam, leiamos:

Para os maniqueus havia duas divindades supremas a presidir o universo: o princípio do Bem e o do Mal- A luz e as trevas. Como consequência moral, afirmavam ter o homem duas almas cada. Cada uma presidida por um desses dois princípios. Logo o mal é metafísico e ontológico (AGOSTINHO, 1995, p. 15).

Agostinho por mais que tivesse sido maniqueísta e por esse mesmo motivo deixou de ser não concordava com a teoria que defendiam. Pois se o princípio do Bem e do Mal era inato ao ser humano e também a ideia do homem possuído por duas almas como afirmavam os maniqueístas, para Agostinho havia um grande erro ao afirmar isso, e isso porque: *“a pessoa não é livre nem responsável pelo mal que faz. Este lhe é imposto”* (AGOSTINHO, 1995, p. 15).

Neste caso, Agostinho defendia com veemência que as coisas não poderiam acontecer como afirmavam os maniqueus, pois se assim o fosse o homem não teria liberdade (livre-arbítrio) e conseqüentemente o homem seria uma marionete de Deus, ou melhor dizendo, escravo.

Em oposição aos maniqueístas Agostinho formula uma reflexão afirmando que duas condições são exigidas para fazer o bem: a graça e o livre-arbítrio. Leiamos:

Sem o livre-arbítrio não haveria problemas; sem graça, o livre-arbítrio (após o pecado original) não quereria o bem ou, se o quisesse, não conseguiria realizá-lo. A graça portanto, não tem o efeito de suprimir a vontade, mas sim de torná-la boa, pois ela se transformara em má. Esse poder de usar bem o livre-arbítrio é precisamente a liberdade. A possibilidade de fazer o mal é inseparável do livre-arbítrio, mas o poder de não fazê-lo é a marca da liberdade. E o fato de alguém se encontrar confirmado na graça, a ponto de não poder mais fazer o mal, é o grau supremo da liberdade (AGOSTINHO, 1995, p.18).

A EXPLICAÇÃO DO PROBLEMA DO MAL COMO CONSEQUÊNCIA DO LIVRE-ARBÍTRIO

A reflexão dada por Agostinho para o problema do mal é sem dúvida irrefutável desde o passado e até os dias atuais. Ao dar uma fundamentação racional correspondente ao silogismo: Se tudo provém de Deus, que é Bem, de onde vem o mal? Agostinho é considerado por muitos pensadores um grande filósofo por conseguir apresentar uma explicação que subsistisse e que servisse de fonte para os pensadores modernos e contemporâneos.

Como havíamos dito no segundo ponto deste presente artigo, Agostinho experimentou da dualidade maniqueísta, no entanto bebendo de Plotino, encontrou a chave de leitura para resolvendo a questão: o mal não é um ser mas deficiência de ser.

Segundo Agostinho Deus não pode praticar o mal, no entanto o mal não poderia ser cometido sem ter algum autor, não existe um só e único autor, pois cada pessoa ao cometê-lo é o autor da sua má ação. Para Agostinho as más ações são punidas pela justiça de Deus, pois, elas não seriam punidas com justiça se não tivessem sido praticadas de modo voluntário.

O MAL PODE TER SIDO ENSINADO

Outra questão bastante discutida no dialogo é si o mal é ensinado. Sobre este parecer Evódio levanta um questionamento: *“de onde hão de vir às más ações praticadas pelos homens se elas não são aprendidas?”*(AGOSTINHO, p.28.1995). No dialogo Agostinho apresenta seu pensamento afirmando que as coisas más não se aprendem e que será impossível o mal ser objeto de instrução, pois o problema talvez seja porque as pessoas se desinteressam e se afastam do verdadeiro ensino.

Para Agostinho, caso fosse ensinado estaria contido no ensino e desse modo a instrução não seria um bem. Para Ele, O mal não se aprende, mas se a instrução falar sobre o mal seria para nos ensinar a evitá-lo. Leiamos com atenção:

[...] O mal não se aprende. É em vão que procuras quem nos teria ensinado a praticá-lo. Logo, se a instrução falar sobre o mal será para nos ensinar a evitá-lo e não para nos levar a cometê-lo (AGOSTINHO, 1995, p 27).

Na concepção agostiniana, praticar o mal seria nada mais nada menos do que renunciar à instrução do bem.

ESSÊNCIA DO PECADO: SUBMISSÃO DA PAIXÃO INTERIOR

Para Agostinho a fonte (origem) do mal está no mau uso do livre-arbítrio. Com isso entendemos que o mal acontece quando o homem usa de forma errada as coisas boas que Deus criou. A natureza criada é boa em si mesmo, mas se torna má a partir do momento que foi corrompida.

Compreendemos que para o pensamento agostiniano, o mal provém da paixão interior, mediante o livre-arbítrio. Sobre isso leiamos:

Talvez seja na paixão que esteja a malícia do adultério. Pois ao procurar o mal num ato exterior visível, caíste em impasse. (...) Se for demonstrado de um modo ou de outro, qual o seu intento e que o teria realizado se o pudesse segue-se que ele não é apenas culpado por aí do que se tivesse sido apanhado em flagrante delito (AGOSTINHO, 1995, p 32).

No pensamento agostiniano é evidente que todas as espécies de ações más é a paixão interior que domina, paixão essa também chamada por ele de concupiscência. Lembremos que “concupiscência” corresponde melhor significado de grande desejo de bens ou gozos materiais, isto é de paixões descometidas.

Para Agostinho, *“todas as ações más só são más por causa da paixão pelo qual são praticadas, isto é, por desejo culpável”* (AGOSTINHO, 1995, p. 35). Segundo Ele, o mal não é necessário, no entanto é inevitável por conta da condição humana de liberdade, onde Deus não interfere.

Para Agostinho por termos a liberdade, somos levados a pecar, ou melhor, somos levados a fazermos o mal. Por não controlar suas paixões ou por mal administrá-la é por isso que o homem se afasta de Deus.

A razão pela qual Agostinho defende que o mal está no mau uso do livre-arbítrio é a razão que ele mesmo identifica como aquele que sabe o que sabe e que faz. Ou seja, é preciso que haja consciência do ser que existe e que sabe que existe. Por isso ele defende *que “o homem é o único animal que sabe que vive, pois os animais carecem de razão”* (AGOSTINHO, 1995, p. 43).

CONCLUSÃO

Terminado este presente artigo, percebemos que Agostinho ainda é bem lembrado e refletido sobre esta temática. Ele resolveu de maneira filosófica a questão do mal e explicou com fundamento a sua teoria. O silogismo aristotélico afirmando: *“Deus criou todas as coisas, o mal é uma coisa, logo Deus criou o mal”* é resolvido e superado pelo seu silogismo reflexivo: *“Deus criou todas as coisas boas, o mal não é bom, logo Deus não criou o mal”*.

Sobre o livre-arbítrio aprendemos com Agostinho que é a capacidade que o homem dispõe para agir livremente. Por isso conforme a liberdade concedida por Deus ao homem somos convidados a não sermos controlados pelos desejos e não cedermos às investidas do mal.

Percebemos, que como criatura de Deus, gozamos de uma liberdade ampla, e isso é sinal da imagem divina no homem, visto que o criador criou o homem a sua imagem e semelhança. Contudo, somos imperfeitos e limitados para compreendermos e percebermos o criador.

No entanto cabe a nós seres humanos, movidos pelo discernimento entre o bem e o mal, realizada através de suas razões particulares, optar livremente pelo caminho que conduz a Deus. E isso só poderá ser possível, se homem deixar conhecer as verdades eternas e encontrar o caminho da sabedoria se for capaz de se deixar conduzir pela iluminação divina.

ABSTRACT

Augustine is undoubtedly one of the greatest thinkers of philosophy that tried to solve the problem of free will. The free will whose work formed the basis for this article is about the problem of human freedom and the origin of evil. Having been converted and feeling in the way of truth, its activity was characterized by constant struggle to preserve the purity of Christian teaching Catholic doctrine regarding the Manichean, who defended the idea of two gods governors in the

world: good and Mal His theory is in opposition to the Manichean therefore formulated a reflection stating that two conditions are required to do good: the grace and free will. Reflection given by him to the problem of evil is certainly irrefutable from the past and to this day. According to Augustine God can not do evil, but evil could not be committed without any author, there is one and the same author, because each person to commit it, is the author of his deeds. In the dialogue he presents his thoughts by saying that bad things do not learn and which will not be evil object of inquiry, since the problem may be because people from losing interest and move away from the true teaching. In Augustinian thought is evident that all kinds of evil deeds is the passion that dominates the interior, this passion also called for him to lust.

Keywords: Augustine. Freewill. Manichean. God.

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO. *O livre-arbítrio*. 3. ed. São Paulo: Paulus, 1995.

MONDIM. B. *Curso de filosofia*. 13. ed. 13. São Paulo: Paulus, 2005.

ABBAGNANO. N. *História da filosofia*. 5. ed. Lisboa: Editorial Presença, 1999.